

dois aspectos da poesia

## lançamento de "tempo de exílio"

No dia 6 de junho, à tarde, houve, na Galeria Sulina, o lançamento do livro de poemas — TEMPO DE EXÍLIO, de Itálico Marcon.

Ao ato compareceram personagens ilustres e membros da Academia Rio-Grandense de Letras.

O poeta, promotor de Justiça na comarca de Carazinho, tem diversos livros de Crítica Literária: "A obra de Mansueto Bernardi"; "Crítica Literária", "Poética de Carlos Nejar" e outras publicadas no Correio do Povo, Veritas e Letras de Hoje.

O presidente da Livraria Sulina, Dr. Leopoldo Boeck, no momento oportuno passou a palavra ao Prof. Ir. Elvo Clemente, que apresentou o poeta e fez o elogio da Poesia. No fim da cerimônia, Itálico Marcon fez algumas considerações sobre *Poesia e Humanismo*.

## poesia hoje

IR. ELVO CLEMENTE

Meus caros amigos e senhores:

Estamos fazendo o lançamento do livro de versos "TEMPO DE EXÍLIO", de Itálico Marcon. O Rio Grande e a Arte Literária estão de

parabéns — lançar um livro de poemas nesta era do domínio da teocracia é um ato de fé nos valores do espírito, é um ato de fé nos valores extraterrenos do homem, é um ato de fé na vocação redentora da pessoa! Pois o poeta continua sendo o verdadeiro criador, o elaborador da matéria, o transformador de apetências sensoriais em mensagens de beleza e de eternidade.

TEMPO DE EXÍLIO é a confissão do desterro em que vive a alma; é a declaração de tanta incompreensão que vai retalhando o ser indiviso do homem.

TEMPO DE EXÍLIO é o poema cinzelado, retorcido, trabalhado no pulsar de cada minuto de luta, de esforço para sobreviver, de latejar constante de um coração que deseja alcançar outro *habitat*, que deseja outros páramos para vibrar e irradiar as belezas da existência.

Perambulando pelas veredas da produção literária de Itálico Marcon, encontramos-lo jovem ainda, quase adolescente, debruçado sobre os livros, sobre a problemática literária dos poetas de nossa terra, do Brasil, da Itália e de outros países. Do saudoso Mansueto Bernardi teve o exemplo do cultivo de nossas letras rio-grandenses e das letras itálicas, nas pegadas das virtudes dantescas. Nosso aluno no Colégio Rosário no rápido final de 1957, em 1960 abrimos a página literária no Diário de Notícias, onde Itálico mantinha o rodapé de crítica e Carlos Nejar estreava a sua já vasta produção poética. O estudo sobre Mansueto Bernardi, opúsculo publicado pela Pontifícia Universidade Católica, mostra os dotes do crítico e admirador do mestre de Veranópolis. Artigos diversos publicados no Correio do Povo, Revistas Veritas e Letras de Hoje são índice seguro do crítico sereno e firme que sabe recriar e valorizar as obras dos poetas e escritores de nossa Terra. Há uma obra, ainda inédita, dessa trajetória nos caminhos da crítica: Poética de Carlos Nejar. O crítico não é artista menor, é tarefa tão válida quanto a do poeta, sempre que houver criação. Criação de algo tomado da natureza ou de si mesmo; ou criação valendo-se do trabalho de outrem. Sempre criação, sempre arte!

E eis que se nos aparece agora Itálico, poeta e bom poeta! Artista em busca de sua origem histórica, biológica, telúrica regressa às paragens da Península milena, vai aos vinhedos dessa colônia italiana; cava a terra de seus pais e perde-se no ambiente de sua infância, na simplicidade e na saudade...

Penetra o mistério da amizade, onde encontra o afeto estimulador da existência; o amor dá-lhe forças para adentrar mais e mais o mis-

tério e ei-lo a debater-se nas ondas longas do tempo em que se encontra exilado, desterrado da terra prometida de uma felicidade que lhe sorri na lonjura do horizonte. TEMPO DE EXÍLIO, poesia sofrida, latejar dum pulso febril em busca da forma que não se substancializa no concatenar dos versos. A linguagem castigada e franca, clara e esbelta, amolda a idéia, o sentimento no poema que brilha, que sofre; que cintila e se angustia.

TEMPO DE EXÍLIO, livro nôvo para um mundo em renovação que cada dia amanhece de nôvo. Poética nova sem esnobismo de vanguarda, poética nova sem os arroubos narcísicos de certos inovadores; poética nova, com os temas eternos que fluem e refluem em cada geração. Poética, de problemas, poética torturada, de homem que se angustia no mundo desmantelado.

TEMPO DE EXÍLIO é uma conchamação para redescobrir o mundo da arte literária tão válido hoje, como nos tempos de Dante e de Camões; de Petrarca, de Fernando Pessoa; ontem, hoje e sempre o poeta é um exilado do mundo e de si mesmo; que se busca, que busca o outro, encontrando-o e encontrando-se nas cisalhas das rimas ou das cadências de um punhado de versos.

Eis, amigos e senhores, uma maneira de ver o poeta e os poemas de TEMPO DE EXÍLIO. Cada leitor tem a sua maneira de ver e de avaliar, é para isto que existe o desafio da arte; no seu fluir e refluir no momento em que julgamos possuí-la, refluí e nos escapa.

TEMPO DE EXÍLIO é esta lição que a Livraria Sulina nos faz chegar às mãos, graças à compreensão e ao arrôjo de Leopoldo e Nelson Boeck. A êles os agradecimentos do Rio Grande e da geração atual.

Deixemos agora TEMPO DE EXÍLIO fluir na ampulheta das estantes das livrarias e ocupar o seu lugar nas mãos famintas do leitor para transformar-se em horas de prazer, de conforto e de esperança do dealbar da aurora da Terra Prometida.

## poesia e humanismo

ITÁLICO MARCON

A poesia, a verdadeira poesia, é um constante voltar-se do homem sobre si mesmo, sobre sua natureza, especificamente humana, e sobre sua destinação, que é necessariamente espiritual.

Pois, poesia é vivência, intensa e dolorosa; retôrno às origens; convivência com as coisas e com a natureza, com os objetos familiares que nos cercam a todo momento.

Não se esgota, todavia, no mero descritivismo, que se compraz com as exterioridades e com o transitório. Nem se confunde com o simples jôgo verbal, amoroso às vêzes, consequência de um ludismo gratuito e inconsequente.

A poesia é muito mais.

Síntese histórico-espiritual, ela significa um profundo adentrar no intimo do homem, no cerne da própria existência, em busca da Vida, com todos os seus fantasmas, seus fantasmas, seus remorsos e suas mortas recordações.

Desde Homero, na Grécia Antiga, Virgílio em Roma, Dante na Itália e, modernamente, Fernando Pessoa, em Portugal, Jorge Guillén, na Espanha, Carlos Drummond de Andrade, no Brasil, a poesia permanece a desassomburada história do homem, e, consequentemente, a história pessoal de cada um de nós, partícipes de um elo histórico, que nos mantém acorrentados ao mesmo destino comum.

Assim sendo, a poesia não é sinônimo de devaneio, de passatempo inútil.

Nem, outrossim, de charada, piada, concretismo e outros "ismos" semelhantes.

Pelo contrário, é a presença, imperativa e maiúscula, do que nos caracteriza e nos diferencia, do que nos une e nos separa em nossa unidade dentro do Todo, o Cosmo.

É a Casa do Homem, a nossa morada cotidiana, a residência do Ser, na expressão lapidar de um filósofo.

É incontroverso: o poeta nasce poeta.

Desde a infância carrega consigo o seu estigma, representativo do homem de agora e de sempre.

Dai, a poesia autêntica ser visceralmente atual.

Aliás, não existe uma poesia "antiga" e outra "moderna". Essa divisão cronológica, meramente didática, nada diz ou significa. A poesia



que não é perene, refoge à condição de poesia, confundindo-se com o acessório e com a moda fugaz.

A verdadeira poesia é sempre moderna, atual, ou melhor, apenas poesia, sem quaisquer adjetivos ou rótulos.

Em última instância, patrimônio cultural, prolongamento do Homem no Tempo e na História, misto do legado que nos deixaram os nossos maiores e de nossa condição no século xx, em demanda do novo e do desconhecido.

Destarte, é a recriada biografia do homem que nela se insere, do homem grego e do homem romano, do homem ocidental e do homem oriental, enfim, do homem de todos os tempos e de todas as idades.

Portanto, assimilação de experiências, jamais negação do passado e da Tradição.

Cristalização histórica, sem dúvida alguma.

O poeta deste século, sendo homem acima de tudo vibrátil e agitado, revela e decifra a mensagem dos homens, suas angústias e sua solidão, enriquecida àquela do seu próprio drama existencial.

É certo: cada um vive a sua vida e, sob determinado prisma, a dos outros. A primeira, é pessoal, particularizada e única, intransferível. Ninguém pode viver a vida que nos cabe viver. Só nós mesmos. Com o nascimento assumimos o encargo de vivê-la, por mais diversa que seja, por mais triste e insignificante.

Mas, por outro lado, não somos uma ilha. Pertencemos à Sociedade dos Homens, dela fazemos parte, embora a miúdo, prisioneiros.

Nesse sentido de sociabilidade, além da nossa vida, vivemos a vida dos outros, muitas vezes com mais intensidade do que vivemos a nossa.

Disse-o, muito bem, o filósofo espanhol Ortega y Gasset: "Yo soy yo y mi circunstancia".

Assim sendo, a poesia é um diálogo, de duplo significado. Diálogo do poeta consigo mesmo, com o seu próprio "eu", com as suas raízes, com as coisas e com a sua consciência.

Outrossim, diálogo com os demais homens que o cercam, razão de ser, em última análise, do seu ofício poético.

Diálogo difícil, no entanto.

De diminuta audiência e mínima receptividade.

Neste nosso século xx, em que a máquina domina, em que a técnica asfixia a "humanidade" do homem, parece já não haver lugar para a poesia.

A desumanização do homem é um fato notório, cujo processo negativo se encontra em franco desenvolvimento.

A arte, no genuíno sentido da palavra, é considerada algo de ultrapassado, sem qualquer utilidade prática.

E é desalentador dizê-lo: se o homem não moderar sua loucura tecnicista, sua materialização crescente, será inevitável o seu perecimento, pelo menos de sua "humanidade".

Sem a arte o homem se embrutece, se animaliza, anulando a sua personalidade diferenciadora.

E a poesia, lídima arte, vital e permanente, ainda é uma das maneiras de salvar o "humano" do homem.

Ato de doação, de entrega completa, ela assegura a vigência de valores eternos, que traduzem perpetuidade e resumem o nosso itinerário.

Sem a poesia, a linguagem humana, relacionadora por excelência, careceria de validade, definhando em sua própria inércia.

Cabe a nós, homens, restaurá-la em toda a sua plenitude, instaurando um novo Humanismo.

*Palavras do acadêmico IVAN LINS ao oferecer à Academia Brasileira de Letras, em 3 de julho de 1969, o livro de Itálico Marcon:*

"TEMPO DE EXÍLIO"

ITÁLICO MARCON, grave Promotor de Justiça em Carazinho, Rio Grande do Sul, é da opinião do quinhentista Antônio Ferreira, que, em deliciosos versos, ainda hoje freqüentemente citados, advertia ao seu amigo Cardeal Infante D. Henrique:

"Não fazem dano as musas aos doutôres,  
Antes ajuda as suas letras dão,  
E com elas merecem mais favores,  
Que em tudo cabem, para tudo são..."

Seguindo a esteira luminosa de Mário Quintana, um dos maiores vates do Rio Grande e também do Brasil de todos os tempos, ITÁLICO MARCON estreia este ano, como poeta, com o livro *Tempo de Exílio*.

Trata-se de deliciosa coletânea de poemas que, de certa forma, constituem uma autobiografia, conforme salienta, com a autoridade de quem o conhece pessoalmente, Guilhermino Cesar, que, sem ter perdido as características de excelente mineiro, é hoje lídimo gaúcho e autor da melhor *"História da Literatura do Rio Grande do Sul"*.

Há quatro anos ITÁLICO MARCON, que é muito moço, publicou o seu primeiro livro — *O Universo Poético de Mansueto Bernardi* — ensaio de valor, não só pela análise sutil e deliciosa que encerra, mas ainda por trazer, além de uma biobibliografia, preciosa antologia do grande e saudoso poeta, feita por outro de altos méritos.

O lirismo de ITÁLICO MARCON representa algo mais do que a simples exteriorização de sua fina sensibilidade, visto ser rico de substância. Não sendo mero artesão e dotado de esclarecida autocritica, pode ITÁLICO MARCON fazer sua a declaração de Boileau:

*"Et mon vers, bien ou mal, dit toujours quelque chose."*

Apenas, transbordante de musicalidade, o verso de ITÁLICO MARCON diz sempre bem o que pretende transmitir, conforme provam todos os poemas de *Tempo de Exílio*, dos quais não posso furtar-me ao prazer de transcrever aqui a esplêndida

#### DOAÇÃO DO POEMA

Enfim voltaste, poesia,  
meu pão de cada dia!  
Minha sede, vento imenso,  
cotidiano alimento.

A mesa estava posta  
com todos os convivas  
esperando iluminados  
a tua arremetida  
de cavalos disparando  
em rápida corrida  
de patas conjugadas  
e coloridas crinas.

A procissão dos álamos  
fixava anoitecida  
o rumo dos teus cascos  
em frenética descida  
e as aves noturnas  
em constelada derrota  
varavam os grandes astros  
e as solidões azuis.

Enfim voltaste, poesia,  
meu pão de cada dia!  
Minha sede, vento imenso,  
cotidiano alimento.

Vejamos agora esta magnífica

#### ALELUIA

Pail ancestral grito do sangue  
fluindo através das distâncias  
e da rude argila que nos une  
quando descansas.

Hoje tudo nos convida  
para o mesmo teto  
que outrora levantaste  
com tuas mãos alvoroçadas.

Inclemente  
a própria memória desperta  
seus fantasmas e duendes,  
e assim o tempo passa  
e nunca retorna  
ao que era antes.

Um dia florescerás  
no abandono das vindimas  
e do trigo maduro,  
liberto das vestimentas  
e da terra  
que te foi dura.

Vivo para sempre.

*Tempo de Exílio* evidencia, de modo exuberante, o aparecimento de um poeta de real inspiração no Rio Grande do Sul e é com desvanecimento que ofereço à Academia Brasileira de Letras um exemplar de *Tempo de Exílio*, congratulando-me com ITÁLICO MARCON pela autenticidade de seu estro.

Sala das Sessões, 3 de julho de 1969.

IVAN LINS

---

N. R. — ITÁLICO MARCON, atualmente, é Promotor de Justiça em Passo Fundo.